

O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 8

RIO DE JANEIRO, 7 DE MARÇO DE 1917

REDAÇÃO:
RUA DO SENADO, 218-217
Telefone C. 1.499

A proposito da redução das horas de trabalho

ALGUMAS REFLEXÕES

A proposito do senegalesco calor que assolou esta cidade e que tornou inda mais tormentosos e insuportáveis os labores de quantos mourejam nesta classe, tomou fóros de questão momentosa a velha aspiração de um dia de descanso semanal e redução das horas diárias de trabalho, pela qual ha tantos anos lutamos.

A imprensa diaria teve ensejo de dezenolver um certo numero de considerações a respeito das opressivas e humilhantes condições de trabalho na nossa classe, exprobando a conduta dos poderes publicos que *descuram* os interesses das classes trabalhadoras não cõjitando de *fazer leis sabias* que as defendam da sordidia de patrões exploradores, (um belo pleonismo, não ha duvida...) deixando-as dest'arte entregues ao dezamparo da sua propria inconsciencia.

Não é, pois, de mais, sendo mesmo oportuno, que, sem a menor eiva de espirito setario, venhamos a liça afim de expormos idéas e dezenolvermos conceitos já aqui tantas vezes sustentados. Não temos a pretensão de dizermos cousas novas, iremos apenas repetir aquilo que antes de sós outros já o disseram com maior clareza e com mais brilhantismo.

Efetivamente, nada mais oportuno do que, — no momento em que se pretende induzir uma classe trabalhadora, tanta vez ludibriada, a confiar ainda uma vez na obra protetora e providencial do Estado burguez, para emancipal-a por meio de leis reguladoras das suas condições, — nada mais oportuno, diziamos, do que repetirmos uma vez mais a sabia declaração de principios da Internacional: "A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores". Com o transcorrer do tempo mais e mais avulta o grande acerto contido na sinjeleza desta fraze candente de verdade, e cada dia que passa vão as classes produtoras e exploriadas integrando-se no verdadeiro sentido que essas palavras exprimem, isto é: toda a luta pela conquista do seu bem estar tem que ser travada no terreno da ação direta inspirada na *luta de classes*, e que essa luta tem tanto mais eficacia quanto os trabalhadores organizados nos sindicatos profissionais vão adquirindo uma consciencia revolucionaria, que robusteca a confiança em si mesmo, em sua propria personalidade, e os habilite á repulsa enerjica aos seus ludibriadores, nos que contribuem para a perpetuidade da sua escravidão.

A observação dos fatos que se dezenrolam na sociedade moderna nos induz a concluir pela completa inutilidade das leis em face das reivindicações proletarias.

Sõmente do esforço solidario, direto e enerjico dos trabalhadores, ha de vir a sua libertação do guante da exploração capitalista. É a luta direta e abertamente contra os seus impenitentes exploradores que os ha de levar á conquista das melhorias que almejam.

Por muito que se queira fechar os olhos á evidencia da verdade não se pôde negar a existencia de duas classes de interesses opostos em que se cinde a sociedade capitalista: explorados e exploradores, produtores e parazitas. — Uma, a que se assenhoreou da terra — sólo e sub-sólo — dos instrumentos de trabalho, da viação terrestre e maritima, das vias de comunicação, e que monopolizou, em seu exclusivo proveito, as maravilhozas, descobertas científicas, a Arte, a Literatura, tudo, enfim, que, o genio, o talento e a força muscular têm produzido e que a toda a humanidade é dado gozar; a outra, a que dia e noite produz sem descanso, que não possui couza alguma, que nada goza e que vive numa miseria continua, estagnada de trabalho, morta de sofrimento e de fome. É, pois, em torno desse permanente dualismo social, desse eixo em que gira a desigualdade social, que a luta deve ser travada. É a luta de desherdados contra privilegiados, de usurpados contra usurpadores, é, enfim, a luta do Trabalho contra o Capital. E nesta luta formidavel, titanica, que os trabalhadores sustentam em prol da sua dupla emancipação economica e moral eles só podem e devem excluir e unicamente contar com o seu proprio esforço, aliando-se aos seus pares de infortunio e procurando conhecer as causas determinantes do seu mau estar.

Sobretudo devemo-nos compenetrar

de que para sairmos do estado de cruciante miseria em que nos encontramos, conquistando certas melhorias economicas, morais e materiais, temos que nos nortear por um alto espirito de solidariedade e, principalmente, por um profundo sentimento de rebeldia.

A nossa cauza nem por ser justa ha de vencer por essa simples circunstancia apenas; os fatores sentimentais não são de grande monta na solução dos conflitos economicos. A nossa victoria ha de ser sim filha da pertinacia e enerjica que despendamos na luta, pertinacia e enerjica que serão por seu turno produtos da consciencia que tenhamos do nosso estado social. A classe trabalhadora, junida ao carro da exploração legal, assim ha de eternamente viver enquanto não adquirir uma clara consciencia dos direitos que lhe assistem na sociedade humana.

Enquanto essa imensa maioria de espoliados entregar-se de pés e mãos atados a essa especie de fatalismo ego e enervante, que a leva a considerar a exploração a que está sujeita como determinação de uma vontade sobrenatural, a sua condição degradante de escravos ha de perdurar para gaudio da classe capitalista.

É necessário que os trabalhadores se compenentrem desta simples verdade: o Estado, expressão politica da classe capitalista, só existe para, como seu orgão genuino, garantir a integridade dos privilegios dessa classe. Logo, seria rematada credulidade da nossa parte supormos que dele posso vir por meio de leis mais ou menos sofismadas a nossa anelada emancipação.

As chamadas leis operarias não têm sido sino verdadeiras burlas com que os governantes têm-se fartado de embair a boa fé das classes trabalhadoras, levando-as a confiarem irrizoriamente a defeza dos seus interesses vitais justamente aos encarregados de zelar pelos iniquos e infames privilegios dos seus verdugos.

Todas essas leis são propozitalmente confuzas e sofismadas. Elas deixam sempre uma saída falsa aos seus ezeutores, os quais as interpretam ao sabor dos seus interesses. Para que, pois, elas não redundem em letra morta, torna-se mister que aqueles a quem ela viza *beneficiar*, tenham uma consciencia bastante clara e dezenvolvida dos seus direitos, não se deixando vencer pela pressão patronal ou pela mirajem sedutora de interesses iluzorios.

Assim, para que as regalias nelas inscritas se tornem efetivas e reais impõe-se uma luta constante e enerjica. Portanto, nestas condições, a lei torna-se inutil e até nociva.

Ora isto é de uma evidencia que não carece de demonstração: ha uma lei determinando um massimo de horas de trabalho além do qual os patrões não poderão sujeitar os seus empregados. Acontece, porém, que essa lei não é cumprida, porque os encarregados de a fazer cumprir não quèrem ou não podem estar permanentemente junto de cada patrão... Para que, portanto, essas regalias aparentemente concedidas pela lei se tornem efetivas, é preciso que os empregados aos quais essa mesma lei viza proteger se insurjam contra o patrão, rebellem-se, declarem-se em greve, expondo-se ás tropelias dos esbirros da ordem. Evidentemente essa lei é inutil, e não defende cousa alguma, só servindo para emprestar uma apparencia de utilidade á engrenagem governamental, mascarando os seus verdadeiros e unicos fins: manter a todo transe a desigualdade social, a exploração capitalista, enfim, — o roubo organizado.

E além de inutil é até nociva porque mata nos trabalhadores o espirito de iniciativa, a confiança no proprio esforço e fal-os considerar o Estado um organismo bemfeitor.

E afinal de contas nós não estamos fartos de constatar a verdade destes conceitos nos exemplos frizantes de outros paizes, onde após grandes lutas, algumas classes trabalhadoras conseguiram obter que por meio de textos de leis fossem reconhecidos os seus direitos a certas melhorias? Em Portugal e na Republica Arientina, para não citar outros, existem leis que garantem o descanso semanal dos empregados em hotéis, restaurantes e estabelecimentos similares, e, contudo ha lá uma imensa maioria de trabalhadores desta industria

A' Quinzena

Penitenciando-me —
A guerra — Medeiros e
Albuquerque — O calor
— Os comicios.

Carradas de razões têm os camaradas do "O Cosmopolita" em comentarem a minha dezidia, na colaboração no jornal de nossa classe, que se nos mostra com saúde, força e vontade, para viver, lutar e organizar esta nossa malsinada classe, flexivel a todas as explorações dos senhores patrões, que são inflexiveis a nos tirar de nós os maiores esforços.

Eis-me na liça, pronto a lustrar os preconceitos sociais, este desnivel matematico entre os homens, em que uma minoria explora cinicamente, uma enorme maioria inconciente de seus direitos.

E o seculo XX, continúa a ser o seculo da inconsciencia universal! Ante a conflagração européa retrogradamos na vertiginosidade de tufão; voltamos aos tempos das conquistas. Da evolução operada, a que reverteu em beneficio da humanidade, foi ofuscada pela ciencia da guerra, pela arte de matar. Continuamos na mesma nevrozidade de construir, para sentirmos depois a sensação diabolica da destruição, a patentear-nos o nosso estado de animais.

Dada a minha satisfação aos bons camaradas, dou-me por penitenciado.

**

O' que grande dissensão entre os deuses! A velha Europa, acalentadora dos esplendores do seculo XX, bebada de sangue, faz troar a metralha nas ancias de mais sangue!

As ambições são descomedidas, entretrocando-se os interesses... e os senhores governantes fieis aos senhores do capital, continuam a alimentar a guerra, com a carne humana já velha, rugosa... quazi imprestavel! A carne moça, sadia, nevoza, cheia de vida e para reproduzir a vida essa já foi devorada em sacrificio de Marte!

A guerra, ameaça-nos a chegar até nós, a imprensa burgueza de opinião formada, ao lado de quem lhes bateu o ouro no baleão, não trepidam em fazer correr as noticias mais absurdas e influem aos senhores governantes na maneira de agir em questões melindrosas, fazendo-os agir sem meditação, sem consultar o povo do paiz, acontecendo como na Europa, que se envolve numa tremenda guerra, sem até hoje esses povos que se degladiam, saber por que lutam, fazendo as impressas assalariadas desses paizes, um jogo de empurra as nações umas ás outras, como culpadas da guerra, quando em téz todas ellas são culpadas, como alimentadoras das teorias saídas do palácio da Paz, com o lema latino de "Si vis pacem para bellura".

Que fique no nosso jornal o protesto contra esta tremenda guerra, que eclipzou todas as outras, já que as lagrimas das viuvas, mãis e filhos não conseguem comover os corações emperdenidos dos potentados.

Pobre humanidade... tão doente para a vida!

**

O nosso estimado companheiro R. Rodriguez Martins, escalpelou a meu contento, o homem do "O silencio é de Ouro".

Ha muito que me habituei não ler os escritos do ex-reporter internacional por não ver nos seus escritos, a independencia e a sinceridade que devia manter; a sua pena parece-nos alugada, a pura cauza de que ele vê interesse immediato.

que não consegue abrigar-se sob o manto protetor dessas *humanitarias* leis outorgadas pelos dirigentes da sociedade em momentos criticos.

Eis em rapidos traços o que pensamos e o que sentimos a respeito do problema da nossa emancipação. Nós só confiamos no proprio esforço da imensa vaga humana de explorados, de desherdados. Só ela organizada, livre de quaisquer preconceitos, dotada de uma solida consciencia revolucionaria poderá despedaçar os grilhões da escravidão ignobil a que está sujeita, libertando o trabalho do estigma que carregada na fronte envilecida, a não ser que queira sofrer o desprezo que merece aquele que, sendo vítima, se compraz em ser cúmplices de seus proprios tiranos e exploradores!

Para o "ex-socialista", o trabalhador não deve organizar-se e protestar pelos seus direitos conspurcados, por aqueles de quem Medeiros é advogado.

Continuem os senhores dominantes a diminuir a ração do estomago do produtor, e então verão se a proporção que diminuem não vai crescendo a onda de revolta, quer nos indiferentes ou nos altivos, que vêm ezijindo e ezijirão sempre os seus direitos a vida, por todos os meios ao seu alcance.

Ai dos Medeiros e de seus constituintes ao dia da revolta de estomagos; então verão este povo passivo ir em busca do superfluo criminosamente acumulado, em prejuizo dos párias.

Continui o senhor Medeiros a molgar os seus principios ás suas conveniencias... mas um pouco de "agua e sabão" para a sua consciencia não seria mau...

**

Os cariocas andaram atrapalhados com o calor. A lista dos insolados, publicada pelos jornais, causou terror aos senhores burguezes, que partiram em busca dos pincares e dos logares frescos.

No entanto, as vitimas, na maioria, foram trabalhadores, que para eles não ha variação de tempo — têm que trabalhar si querem alimentar a si e aos seus.

Enquanto a nós, fomos benemeritos... despejando refrigerantes em cima das multidões... que foram aumentadas as "ferias" na gaveta dos senhores patrões. E nós?... Nada.

Ai vem o Carnaval!!!

**

A Federação Operaria, vem a alguns domingos, realizando simultaneamente, comicios em diversos bairros da Capital.

A concurrencia não tem sido a dezejavavel, quanto aos comicios a todos interesses, pois viza pôr freio á ganancia do comercio explorador que nos quer reduzir as refeições a café com pão, refeição que muita gente suporta, senão... seriam concorrentes aos comicios, levando a sua particula de protesto.

Não dezanimem os camaradas da Federação Operaria — a fome ha de vencer a indiferencia deste povo, passivel a todas as explorações, ha de fazer de cada um — um revoltado.

Albino Dias

O IMPOSTO DE HONRA

O povo é sempre o eterno sacrificado, o eterno responsavel pelos desmandos e gatunices da gente que governa, isto é, do bando despuorado que com cinismo revoltante vive a meter a mão no bolso de quem trabalha, para arrancar dali os vintens que representam horas de muita canceira e fadiga.

Ainda agora, com a lembrança desta suprema irrizão que se chama o "Imposto de honra", o conceito acima acaba de ser verificado. O governo, mais uma vez, num imperdoavel momento de irreflexão, deixou cair a mascara de embuste, apresentando ao paiz o rosto seu tal qual é: de méro salteador de estradas, endurecido no roubo e na violencia.

Antigamente, tomado dum resto de pudor e de remorso, ajia ás ocultas, envergonhado, talvez, da propria ação; hoje, o bandido assalta ás claras, á plena luz do sol, concio de sua impunidade ou da covardia moral daqueles que miseravelmente expolia.

É perfeitamente assim. Desse modo, o povo ficará conhecendo o inimigo. E amanhã, atinjida ao cume a indignação, o povo, — vexado de tanta afronta, cansado de tanto labor mal remunerado — ha de nobremente se levantar, como um só homem, para opôr embargos á obra nefasta do governo, para impedir a continuação do descalabro imenso que por aí vai, oriundo da má organização social contemporanea.

Pedir contas aos potentados, quando chegar a oportunidade: esse tem sido sempre o gesto ativo do povo, da "vil multidão" em todos os tempos e logares.

Que o digam os companheiros de Spartaco e as diversas revoluções francezas...

A Exploração torpe da

Sorveteria Alvear

Nunca será de mais repizar sobre a monstruosa exploração que está ezercendo a Sorveteria Alvear.

Já foi aqui nestas colunas, num dos numeros de dezembro, convenientemente escalpelada a ignobil exploração dos inescrupulosos donos desse estabelecimento, que a todo transe querem tornar ainda mais intoleraveis as já degradantes condições de trabalho na nossa classe.

O que foi então publicado é a expressão da verdade. Assim tambem o dizem os que lá trabalham, os quais, na sua inconsciencia, julgam aquilo a couza mais natural deste mundo.

Eles não percebem o mais insignificante ordenado, e, trabalhando de graça, ainda por cima são obrigados a pagar as flores que devem enfeitar as mezinhas em volta das quais abancam-se os freguezes que fazem a fortuna dos gananciosos proprietarios, pagam a louca quebrada em serviço e... ainda dão uns niqueis ao gerente a titulo de propina, para ele fazer a sua fezinha no jogo do bicho. Pouco falta para que paguem um ordenado aos patrões para ser miseravelmente explorados.

Nós, porém, é que de forma alguma poderemos consentir na continuação desta critica exploração que vai sendo introduzida na nossa humilhada classe pela desmedida ganancia e falta de escrupulos desses modernos escravocratas que pretendem manter estabelecimentos modelos e chics á custa do suor dos seus empregados, a não ser que não nos importemos em ver a nossa dignidade reduzida a frangalhos, e renunciemos definitivamente a ser homens livres e dignos.

Precizamos quanto antes reagir contra essa extorsão que se vai implantando entre nós graças ao indiferentismo inconciente com que encaramos os interesses que dizem mais de perto com a nossa dignidade e com o nosso bem estar.

Diante desse abuzo inqualificavel, que toca ás raizas do inadmissivel, precisamos ter um pouco de ação e de altivez afim de lhe pormos um freio seguro. A continuar assim nesta lamentavel decadencia e inação, depressa chegaremos aos ultimos extremos da degradação.

Não sabemos si ha lá algum companheiro que bem compreenda o seus direitos de trabalhador. O que é certo é que nenhum tem demonstrado tal compreensão. Agora o que sabemos é que não haverá lá um só que dezista da gorjeta do freguez e ezija do patrão um ordenado que ao menos recompense o seu trabalho. A gorjeta é o nosso por inimigo: transtorna-nos o caracter, atrofia lamentavelmente a nossa altivez de homem, e nos conduz á mesquinha posição de serviços explorados e humilissimos, faz-nos esquecer os deveres que nos impõe a nossa dignidade de trabalhadores, quando deviamos ezijir do patrão um ordenado equivalente ao esforço que despendemos.

Assim não precizaríamos da gorjeta, desta humilhante e prejudicial esmola do freguez, e então repudial-a-iamos.

E vós outros que tendes perfeita consciencia dos deveres do homem digno, e que sabeis avaliar ezata e criteriosamente o pezo aviltante dessa exploração capitalista, juntaí a vossa voz á nossa, num protesto permanente e enerjico contra tamanha infamia!

E o peor é que a moda pega. O exemplo pernicioso alastra-se com tanta maior vertiginosidade quanto este novo rejimen representa uma importante soma a entrar para os cofres patronais, abarrotando-os do "vil metal" que na sociedade capitalista decide da vida dos que são obrigados a alugar os seus braços em troca de... coiza alguma! Já alguns clubs desta capital estão tambem pondo em pratica o cinico roubo contra os empregados. Quer dizer: a exploração campeia livremente, sem que haja uma enerjica reação da nossa parte. Em face de tamanha desfaçatez continuamos impassiveis como si se passasse noutra planeta.

É que ha muita gente que possui a pele da rejão lombar muito resistente para que possa sentir o pezo da carga...

X.

B. F. G.



O Trabalho

Deus impoz-nos tristissimas provas sobre esta terra: mas criou o trabalho, e tudo foi compensado. As lagrimas mais amargas secam graças a ele; consolador sério, promete sempre menos do que dá; prazér sem igual, é ainda o sal dos outros prazeres. Tudo vos abandona, a alegria, o espirito; ele está sempre presente, e os profundos gozos que vos proporcionam têm toda a vivacidade da embriaguez da paixão, com toda a calma dos prazeres da consciência! Está tudo dito? Não, porque a esses privilégios do trabalho, é preciso juntar um ultimo, maior ainda; e é que é como o sol; Deus felo para todos.

ERNESTO LEGOUVER

Trabalhador, vejo-te indignado ante este montão de sandices que este literato conseguiu juntar e que é hoje patrimonio da moral publica, e até contra mim, que te aprezo coizas que te irritam os nervos, já fatigados pelo "abuzo" do delicioso prazer acima ezaltado...

Não tens razão; tem-na pelo contrario o bom do Legouver, que fala certamente com conhecimento de causa, tendo saboreado gulozamente, voluptuosamente a longos sérvos, o precioso nétar do trabalho...

E' que ele refere-se ao trabalho, ao verdadeiro trabalho, e a outro mundo: quando diz "sobre esta terra", emprega uma elegante figura de retórica, e tu podes, caro proletario, imaginar que a ação se passa, por exemplo, no planeta Marte.

Porque — que é o trabalho? O esforço coordenado para um fim util. Como exercicio, satisfaz uma necessidade fisiologica; mas, na verdade, seria ergo consideravel uma necessidade dessa ordem, que igualmente pôde satisfazer-se com um exercicio qualquer, improdutivo, inutil para a reparação: que o digam os fortes e joviais amantes do "sport" e das viagens! O trabalho é uma necessidade social; a ele se devem as riquezas da sociedade humana. Pôde um parazita qualquer substituir o por deliciosos divertimentos, por esforços inúteis ou nocivos, descarregando toda a enorme tarefa humana sobre os hombros daqueles para quem o trabalho é transformado numa horrorosa fadiga; mas feito por todos ou por uma parte, o trabalho é uma necessidade social.

Necessidade social e necessidade fisiologica combinar-se-iam numa sociedade em que ninguém quizesse manter ociosos e parzitas. Então cada individuo acharia no trabalho uma dupla utilidade: a satisfação da necessidade do exercicio e a da necessidade de restaurar e adquirir novas forças — a satisfação, enfim, de todas as necessidades da vida, físicas, intellectuais e morais. E assim o trabalho, que seria a propria vida, a luta para arrancar á natureza mais bem-estar e liberdade, tornar-se-ia ainda um habito moral, uma necessidade moral. Gastar a energia, desperdical-a num esforço inutil ou incompleto, seria considerado como uma doença.

Mais: o trabalho é um equilibrio de forças numa vida sã e normal. Deve deter-se nos limites da fadiga e ezije uma reparação suficiente. Si o seu fim é util á vida, é conservar a vida, produzir forças, como começar por contrariar esse fim com uma fadiga estenuante e mortal? E' um absurdo evidente. E ainda axiomático é que deve ser voluntario, obedecendo ao impulso das necessidades, segundo as aptidões e as capacidades de cada um.

O que nós vemos não é o trabalho bom e equilibrado do homem livre, mas a pena brutal do escravo, o castigo imposto pelos deuses da biblia e pelos senhores da terra; é ainda o sibiritismo parzitario do patrão. Os proprios que mais se avizinham do vero "typo" de trabalhador, têm os seus prazeres agudados pelo dezechilibrio social, e a custo mantêm uma vida de saude e de alegria.

Tu bem vês, proletario: o que se chama o rejimen da propriedade individual e do salario, garantindo pela violencia organizada, impede o florir do belo e forte trabalho. O dono da maquina que vijias, da terra que lavras, do instrumento que manejas, do dinheiro que tudo isso representa, dita-te a ferrea lei do vencedor: — "Ou ficas na fabrica, em casa, no campo, curvado todo o dia sob uma faina bestial, mediante a paga que te dou e que basta ao certo para "viveres" o tempo indispensavel á produção de novos escravos — ou morrerás de fome".

Si te revoltas, achas na tua frente a imensa lejião dos teus companheiros habituados á escravidão e debilitados pela miséria, curvados sob o chicote do amo e armados contra ti.

E enquanto trabalhas demais e comes pouco, ha vastos campos para cultivar, materiais para construir, sementes para semear, materias primas para pôr em obra, braços para empregar!

Talvez essa horrivel lida "exugue as mais amargas lagrimas"... Sim! Quantas vezes as lagrimas derramadas no teu lar te obrigam a vender os braços por uma mísera códea de pão, que dá um momento de treguas, "entretanto" a vida! Pôde ser que seja consoladora, com efeito...

Mas não "dá sempre mais do que promete". O salario não basta para recuperar as forças perdidas; a maior parte do fruto do quotidiano labutar embolsa-o o patrão, — eujo diuheiro não nasce, si semeado, nem "rende", si encerrado num cofre.

Não é "um prazer sem igual", porque não ha prazer num castigo, numa violencia, numa fadiga monotona, continua, aviltante: e, apesar de tudo, não "está sempre presente", porque muitas vezes queres fazer-te explorar e o patrão não te quer, e tu andas de porta em porta, suplicando que... te roubem!

Não, o nosso autor nem mesmo viveu neste planeta; e o que nos prova á evidencia que estava certamente na... Lua, é a frase final: Deus felo para todos!

Para todos?! Aqui, sobre esta terra?! Nós, o "mais pezado "trabalho" que conhecemos aos ricos é o de governar, de dirigir, de manter a exploração com a violencia de organizar a defeza do roubo... E ainda nisto, o mais pezado é feito... pelos roubados! Curiozo!

Mas — eis a questão: fazer com que o trabalho manual seja por todos. Si tal se fizer, o interesse do trabalho será o de todos: todos terão interesse em tornal-o agradável, leve, salutar.

Não queremos saber si Deus (nome singular com que se explicam todos os absurdos e se justificam todas as vilanias), o fez para todos: o que sabemos é que da vontade dos homens depende que ele seja realmente para todos. E os que não querem permanecer neste estado de coizas, devem trabalhar para o mudar.

O caminho está traçado: abolir o dinheiro, a propriedade particular e o Estado que a defende e a renovaria, si o deixassem de pé: pôr em comum a terra e os instrumentos de trabalho, os meios de produção. Libertar e aliviar o trabalho e produzir a abundancia: construir maquinas, cultivar as terras, fabricar produtos uteis, utilizar forças perdidas, braços inertes ou mal empregados.

Eis a obra grandioza que se deve preparar e realizar.

O trabalho e os seus frutos para todos!

NENO VASCO.

Etapa forçada

A guerra espantosa que presentemente se desenrola no velho continente produz a etapa forçada das hostes revolucionarias, servindo, porém, para a formação de dupla força e maior orientação no sentido da emancipação da humanidade, quando se decidir o fim deste colossal assassinato em massa.

Esta etapa dará o tempo para fazer conhecer melhor aos renitentes o que é a guerra, a que interesses obedece, e ao proletariado, a que ponto chega o "suposto patriotismo das classes diretivas.

Terão, enfim, enção os proprios responsáveis desta hecatombe de horrores diante da sua obra.

A burguezia dirá, que não é tempo agora de sensibilidades inoportunas. Naturalmente, refestelada nas suas confortaveis poltronas, diante de succulentos manjares, não pôde sentir o mal dos infelizes e forçados soldados. Não ha duvida, porém, o tempo marcha, ele falará por todos os soffredores.

Ah! meus senhores, então, só então, é que sentireis o peso do braço humano chamando-vos a contas, e perguntando o que fizestes dos nossos filhos, nossos pais, nossos irmãos, enfim, de todos os filhos do Povo... A vossa resposta, veremos como será.

Esperamos, os tempos não vão tão longe, a vossa hora soará para definir a Unidade Humana.

A. P.

HISTORIA DE UM CALVARIO

Restaurant da Urca

De momento a momento o silencio da estação é quebrado pelo rumor produzido pelo ranjer das possantes engrenagens do comboio que conduz á pitoresca montanha os visitantes, atraídos pelo encanto daquelas paragens.

No restaurant, logo que se ouve esse rumor indicativo de que o carro sóbe, o pessoal apresta-se valorosamente para a "péga" de passageiros. Mais um minuto e a estação volta ao silencio habitual. E' o sinal de que o carro já chegou ao cimo.

Os passageiros seguindo a caminho da estação do Pão de Assucar, são insistentemente abordados pelo pessoal que os espera de pescocos estridados como valentes galgos, enquanto que uma voz feminina e esganiçada berra: "Alberto! Alberto! olha passageiros!"

O Alberto levanta-se, olha esticando o sifilitico "gregomil" e logo sentença: "aqueles vêm para jantar". E o garçon lá vai penozamente, com um ar constranjido e vexado de "pistola" em punho, isto é, com o fatidico "menú" pegar o passageiro, mais ou menos com esta cantilena: "O sr. vai jantar aqui, (embora o passageiro diga categoricamente que não o "garçon" tem que vestir) continuando: "quer vêr a carta, nós temos de tudo, como na cidade, o sr. pôde esperar para vêr a iluminação na cidade e assim aproveitar o passeio, pôde esperar um pouco aí á sombra, que o carro ainda demora a subir uns quarenta minutos." E por aí afóra continúa uma interminavel historia até que o passageiro siga para a estação.

Si por infelicidade o "paciente" é inconveniente, e o caixeiro nada consegue, tem que ouvir do sabido patrão algumas lições a respeito do assunto. E começa: "Vocês não prestam, no meu tempo obrigava eu o passageiro a fazer despeza e convencia-o a jantar na volta", e outras grandes bravatas.

Si o "garçon" consegue arrastar o freguez, então diz ele logo: "aqueles já vinham com intenção de jantar; vê si lhe empurrainhos caros e finos, tenho aí frios especiais — que de especiais nada têm — e quando o freguez reclama, aliás, com razão, os preços ezorbitantes, ele, muito lampeiro, apela para a Rotisserie Americana e Caza Heim, como se aquilo em alguma couza se parecesse com o serviço dessas cazas, chegando ao ponto de enfeitar com cenouras e nabos, porque o "pichles" está pela hora da morte...

Certo dia teve ele a sorte de "pegar" um casal de visitantes, que subiram na ultima viagem, para jantar, ao que os empregados da Companhia se opuzeram pois que não havia tempo, prevenindo ao mesmo tempo na bilheteria que só poderiam demorar quarenta e cinco minutos. O carro subiu e deceu com os ultimos passageiros do Pão de Assucar, sendo o casal então convidado a decer, pois já passava da hora e não havia tempo para jantar. Ora, os passageiros que não faziam questão alguma de ali jantar, e apenas haviam accedido em vista da insistencia do homem, foram-se logo.

O patrão mandou então o "garçon" á estação buscar os passageiros ou o dinheiro (safa!) mas, como era natural, o "garçon" não trouxe nem passageiros nem dinheiro! E o homenzinho ficou "ranziza" mandando "incontinentemente" o "garçon" embora, com esta nota: "tenha paciencia, mas você não dá para isto."

E' que o homem queria arvorar cada empregado num saltador de estrada, em seu proveito.

J. M. D.

A Higiene nas Cozinhas

E' notorio o precario estado de higiene de todos os generos alimenticios, sem mesmo ecetuar as carnes verdes com o abominavel sistema de abater gado, porque não é abater nem tampouco matar, aquilo é maltratar.

Conformemo-nos com estas funestas determinações antagonicas e pírronicas. Mas com o que não nos podemos conformar é com as pessimas condições em que nos é entregue esse genero de primeira necessidade no actual rejimen alimentar constringendo a vexames inumeros e criticas sem conta, as quais nos colocam numa posição dezaíroza no ponto de vista moral e profissional.

Comecemos por fazer ver que as melhores rezes são congeladas e exportadas para o exterior, isto é: toda a sorte de bovino. Aqui só nos fica o refugio. Dos suínos é a peor qualidade imaginavel, porquanto é a rez que tem mais distribuição classica sempre que haja uma conciencia profissional em distinguir as suas classificações separadamente.

Assassinar um suíno a marreta e deteriorar as suas partes mais delicadas e facilitar a adulteração de todo o trabalho que por ventura se possa conservar. E' a impossibilidade de poder utilizar o sangue que é o primeiro elemento da salchicheria, com o derrame de sangue interior, inutilizando infalivelmente intestinos, estomago e rins.

E' evidente que fazer um suíno sangrar depende de muito cuidado profissional, isto é, saber produzir uma hemorragia exterior, e nunca interior.

Si analisarmos a secção de carnes veremos coizas simplesmente inauditas. Basta olhar nos açougues a maneira por que são apresentadas á venda e o reclame que ezihem. Carneiro é um modo de dizer porque desde o inicio da guerra nunca mais vimos carneiros: ovelhas cançadas de criar, cabras tiradas de amamentar crianças, as quais, não obstante são apresentadas como generos de primeira ordem, reconhecidos com os competentes carimbos de anilina inutilizando todas as peças mais importantes da rez.

Passando á secção de aves não podemos deixar de referir ao detestavel habito de estrangular a ave, processo sumario e em voga na maioria das cazas. E' este um processo que, sem duvida dá uma triste mostra de competencia de quem dele usa; e nem só de competencia; de conciencia e até, diremos, de ar-

te. E dizer-se que temos uma companhia que por falta de compreensão do meio, esteriliza-se e ameaça cair no ridiculo.

Quanto de beneficios poderia ela trazer á higiene dessas infestas cozinhas, livrando-nos daquela insuportavel fermentina de penas molhadas em agua fervente, das imundicies intestinaes: aquele derrame de sangue salpicando todos os recantos e facilitando a proliferação de toda qualidade de incetos perniciosos e repelentes: moscas, mosquitos, saltões etc.

E não protestamos contra a inqualificavel matança de cabritos, leitões e "carneirinhos", deixando "chocar" vinte e quatro horas aquelas viceras dentro de uma caixa de lixo, perto de um fogão a arder com todas as forças das suas formalhas, produzindo uma fermentação capaz de infetar um quartelão inteiro!

Não nos rebelamos contra a infamia das salchichas feitas nos açougues de carnes em estado de decomposição, carregadas de salitre e temperos irritantes applicados sem o menor vislumbre de conciencia.

Mas, ha ainda alguma coiza mais, para completar este quadro descritivo dessas sapucaias: ha aquela promiscuidade de miudos, todos misturados sem classificação, sem higiene, sem esmero convidativo: mocotós, dobradinhas, linguas, figado, bofes, miolos, enfim tudo uma verdadeira complicação que antes parece um leilão forçado de belchior!

Para terminar; essa famoza Higiene que se lembra de mandar retirar os cepos de madeira dos açougues e não se lembrou que si escapassem dos açougues fatalmente tinha que cair nas cozi-

Explicação necessaria

Este numero de "O Cosmopolita" deixou de sair á data regular, isto é, a 15 de fevereiro.

Sofreu assim o jornal, bem a contrario nosso, uma lamentavel solução de continuidade na sua obra de difusão dos principios emancipadores do proletariado, tarefa a que ha quatro mezes nos impuzemos com a melhor das vontades, com o coração a palpitar fremente pelo ideal de uma sociedade futura de amor e justiça.

E' bem de ver que só mesmo circunstancias muito especiais poderiam concorrer para que interrompessemos, embora por breve prazo, a publicação do periodico num momento em que as já de si precarias condições da classe são agravadas sob mil pretextos pela dezechreitada ganancia capitalista.

Resta-nos para o futuro envidar esforços para que tal se não repita.

GRUPO EDITOR DE "O COSMOPOLITA"

Para tratar de importantes assuntos que dizem directamente com a publicação regular do jornal e com a propria existencia do Grupo, convidamos todos os camaradas seus componentes a reunirem-se sexta-feira, 10 do corrente, ás 21 horas.

Esperamos que nenhum camarada, comprometido das responsabilidades assumidas perante a classe pelo Grupo Editor de "O Cosmopolita", deixará de comparecer a essa reunião, pois ha relevantes questões a resolver.

A COMISSÃO EXECUTIVA.

Ação direta

A Confederação Geral do Trabalho de França

Palavras oportunas

Definido o fim — dezaparecimento do salariato e do patronato — vejamos agora os meios preconizados e a tática empregada para o conseguir.

Recordemos o § 1º do art. 1º e vêr-se-á que do fim "mediato" ressaltam de algum modo e naturalmente os meios de ação a empregar.

A Confederação tem por fim, diz o § 1º do art. 1º:

1º — O agrupamento dos salariados para defeza dos seus interesses morais e materiais, economicos e profissionais."

Definido assim e nas condições em que se move a sociedade capitalista, este fim "mediato" implica uma luta de todos os instantes que nunca tem fim, posto que o antagonismo dos interesses é o estado permanente entre as duas classes que dividem a sociedade.

Para guiar esta luta, pôde dizer-se que a Confederação não tem dogma imutavel. Inspira-se sobretudo nas situações.

As circunstancias da luta, o aspecto de um movimento devem ditar a conduta a seguir e é sempre sem uma idéa preconcebida que a Confederação e as organizações que a compõem se embrenham num movimento que este seja geral como o movimento das 8 horas, quer sejam movimentos mais particulares como os da supressão dos escriptorios de colocação ou de liberdade sindical para os funcionarios e professores.

Quer isto dizer que a Confederação não tem tática? Pelo contrario. E' sempre sem se preocupar com os poderes, com a maquina governamental e com o Estado burguez que a Confederação trava a luta.

Os trabalhadores só obtêm o que sabem impôr, e é sómente quando sabem querer fortemente e são capazes de agir, que os exploradores e o Estado burguez: e por uma pressão exterior sempre mais intensa, por uma agitação incessante, destinada a enervar os seus adversarios e em definitivo a fazel-os dobrar e ceder, a deixar hoje uma parcela das suas prerogativas, amanhã outras que a Confederação vai e dá batalha.

As grèves que ela não faz nacer, mas que sempre sustenta, não têm outro fim.

Lutar sempre, sem treguas nem desfalecimentos, manter o espirito de revolta dos operarios sempre alerta, não declarar-se nunca satisfeito — e os trabalhadores não o podem ser enquanto sejam explorados — tal é, sem contestação, a tática mais segura.

Que o Estado burguez, para travar o movimento da classe operaria, formule em artigos de lei ou as reivindicações que animam o mundo do trabalho e lhes dê assim a sua sanção, isto pouco importa, na realidade.

Os trabalhadores sabem muito bem que não basta que uma das suas reivindicações seja codificada para que ela se torne uma realidade. Aprenderam, ao contrario, por experiencia, que uma forte organização operaria é sempre necessaria e indispensavel para a fazer applicar, sem o que, codificada ou não, a reivindicação terá todas as probabilidades de não passar de letra morta. E é porque presentemente já não ignoram isto que os trabalhadores ligam pouca ou nenhuma importancia ao que se chamou pomposamente a legislação operaria. E é igualmente porque não ignoram que todo esse arsenal de leis — tão incompletas e mal feitas que na sua maioria tornam-se inuteis e inapplicaveis — que eles permanecem edíficos a seu respeito. Mas é tambem porque a "lei" não faz senão reforçar o Estado burguez do qual só queremos a destruição quando adotamos como fim o "dezaparecimento do salariato e do patronato" que na Confederação se preocupam pouco em fazer converter em textos de leis as reivindicações dos trabalhadores cuja applicação se pretende.

Tudo isto se nota cada vez mais nos centros operarios. Diminui sempre mais as atribuições do Estado que só pôde ser o representante do capitalismo, tal deve ser, tal é o fim supremo que vizam todos os trabalhadores emancipados.

Educar bastante, tornar sempre mais conscientes os trabalhadores, aumentar o poder e a intensidade revolucionaria do proletariado por uma forte ginastica da ação, bater sempre em cheio no Estado

burguez e não se importar com as chamadas "reformas democraticas" senão na medida em que são capazes de dar mais corpo a este poder revolucionario e aumental-o, tal deve ser o unico cuidado do proletariado organizado.

A ação direta empregada daí em diante por este, e devemos reconhecê-lo não sem ezito, não viza outro fim, não tem outra significação.

E não ha que duvidar, é por esta "ação direta" que os trabalhadores chegarão á sua emancipação. "Ação direta", isto é, ação autonoma, pressão exterior ao Estado burguez, luta sobre o verdadeiro e unico terreno de classe, explorados contra exploradores, "sem interpostas pessoas" — segundo a feliz expressão de um socialista belga — tal é a tática empregada pela Confederação.

E' certo que o estado de luta permanente a que foi levado o proletariado, arrasta e necessita ás vezes atos revolucionarios, mas contra ao que se afirma, em geral, sem se saber aliás porque, a "ação direta" não significa violencia inevitavel; a "ação direta", tendo em si propria um sentido, uma virtude revolucionaria, se assim posso dizer, o que ela deve ter sempre por fim é diminuir, minar e reduzir o estado de coizas existentes a favor de um organismo social instaurado sobre bases diferentes.

Esta concepção do movimento arrasta inevitavelmente a um estado de luta que se traduz em séries de grèves inintermittas, — a grève que é a forma de ação enjendrada e que resalta do proprio rejimen de produção capitalista.

Grèves repetidas, que são ao mesmo tempo para o proletariado uma eccellente ginastica da ação, uma poderosa efficacia educativa.

Estas grèves, succedendo-se umas ás outras, tomam então, segundo as circunstancias, aspectos diferentes. Podem ser ora calmas, ora violentas, de curta ou prolongada duração, conforme as necessidades ou o grau de resistencia dos trabalhadores que tomam parte nelas.

A "boicotagem", — ou por outras palavras, o inscrever no indice fabricas, estaleiros e até os nomes dos falsos confrades que se recuzam fazer cauza comum com os seus camaradas e que podendo por este fato causar-lhes prejuizos, — pôde ser e é efetivamente em muitos casos, um meio de luta excelente defendido pelos Congressos da Confederação e de que já houve provas.

Igualmente a "sabotage", que em nome de uma moral que eles aliás não praticam, os srs. burguezes de todas as categorias condemnam com venemacia.

Que coiza ha porém mais natural de que um trabalho dê o equivalente do que recebe. "A" má paga", mal trabalho, tal é a formula que o explorado tem interesse em applicar e de fato applicam sempre, ás vezes mesmo sem o perceberem.

Em tempo de grève e em circunstancias determinadas, para pôr um patrão á sua mercê, os trabalhadores podem applicar a "sabotagem" um pouco violentamente, mas quem se atreverá a censural-o numa sociedade em que o direito do mais forte prevalece sobre todos os outros, em que um possuidor de meios de produção pôde á sua vontade e se tal é o seu bel-prazer, reduzir á fome de um dia para o outro milhares de trabalhadores e suas familias?

"Boicotagem" e "sabotagem", são entre muitos outros, dois meios eficazes de ação e de pressão empregados pelos trabalhadores na sua luta diaria pelo bem estar.

Igualmente, as grèves, pondo sómente em presença um patrão ou um conselho administrativo e o seu pessoal, os trabalhadores substituem-nas por grèves mais gerais, fazendo sair das fabricas, os explorados de uma cidade inteira ou de uma corporação.

Fôrma o meio de luta igualmente inevitavel hoje.

Para tentar resistir ás reivindicações do patronato, em muitas corporações, está agrupado; forçados foram tambem os trabalhadores a reunirem os seus esforços para a luta e as grèves generalizadas — que muitas vezes se confundem com a

EXPEDIENTE

De conformidade com as bases do seu Grupo Editor, as colunas de O Cosmopolita estão francas a toda e qualquer expansão de pensamento, desde que se ajuste à lógica e à razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Ano \$5000
Semestre \$3000

"Grève geral" — tomam e tomarão todos os dias mais importância.

Os trabalhadores de uma fabrica sabem agora que têm interesses comuns com os da officina vizinha, e por isto as grèves generalizadas tornam-se todos os dias mais numerosas.

E porque toda a ação, toda a propaganda da Confederação é mais ou menos inspirada na tática e nos meios de ação que acabo de esboçar, que foi necessário à classe operaria prever por que meio supremo lhe seria possível atingir um dia o fim.

Este meio preconizado e sempre confirmado pelos sucessivos Congressos que se realizam ha quinze anos a esta parte, é a "Grève geral".

A grève geral, suspensão completa, unanime e simultanea da produção, devendo tornar impossível o funcionamento normal da sociedade capitalista. Os trabalhadores alfin concientes da sua força e do seu poder, sendo todos, num comum acordo, das fabricas, dos estaleiros e das officinas, para só voltarem afinal com o fito de assegurarem a produção a seu favor, não trabalhando mais então para um patrão ou para patrões anônimos, mas para eles, em proveito de toda a sociedade.

E a Grève geral aparece como o supremo recurso, ao qual deverá, em ultimo recurso, recorrer o proletariado para chegar à sua emancipação integral.

Nesse dia nenhum poder, qualquer que seja, será capaz de resistir-lhe, a suspensão unanime e combinada da produção arrastando inevitavelmente o cataclismo revolucionario, prelúdio da transformação da sociedade.

E quando os trabalhadores alfin concientes tenham bem compreendido todo o partido que podem tirar de um tal conjunto de meios de ação que equivale para eles a um plano de batalha, nós estamos tranquilos, o belo lema BEM-ESTAR E LIBERDADE posto como inserção no seu lema pela Confederação Geral do Trabalho não estará longe de se tornar uma realidade.

PAUL DELESALLE.

Lérias e Trêtas

E' um tradicionalismo de todas as familias remediadas das pitorescas aldeias ibéricas ter um filho padre ou doutor.

Em uma florcente aldeia dos arredores de Tuy uma familia mandou para o seminario um dos seus rebentos. Passado algum tempo, abria-se a porta do seminario e tomava o rumo do Brazil. Aqui aportando, abraçou o mistér de vender bifes e dentro em pouco recebia como nome de guerra a alcunha pouco simpatica de "polícia", segundo dizem, por ser muito ligeiro, correr muito e afinal nunca fazer nada em ordem.

Correm, entretanto, os tempos, sem que nada de anormal occorresse na vida do rapaz, até que um belo dia encontrou um protetor generoso que o estabeleceu. Já então não era mais o antigo e pitoresco "Polícia", mas sim o sr. fulano de tal.

Dispoz-se, então, a sustentar a caça por todos os meios e modos imagináveis. E nessa faina torturante e febril assemelhava-se por vezes a um desses chamados cães de policia, pois, quando não tinha freqüezes, saia á rua a farejar avido quem estivesse com appetite para ir comer os seus "pitcus".

Em certo dia, chegando numa roda de conhecidos, pressentiu pelo "faro" que ali havia algum com appetite para ir ao vatapá, dirijiu-se a esse algum perguntando: — "Vai ao "vatapá"? Mas enganou-se, porque logo lhe responderam: — Ora, vá tapar... (E pronunciam uma frase tão feia que eu, pelo respeito que devo aos leitores, não reproduzo aqui.) E lá se foi o pobre "Polícia", dezinado, á procura de outros.

Assim ele pretendia "matar" os colegas e, afinal, só conseguiu "matar" os fornecedores e os empregados, isto é, aos carneiros, porque os outros já haviam "dado o fóra", a não ser o cozinheiro e um caixairo, que, apesar de nunca ter trabalhado em tal profissão, foi ali admitido pela protecção de um sr. Guimarães, que agora lhe poderia dar um logarzinho para vender bicho. Em restaurant ele não pôde trabalhar, pois que (penso eu) ali na zona os outros ainda não querem liquidar.

O enterro do "Polícia" foi tocante. Elle teve uma saudosa recordação dos passados tempos do seminario, por ocasião das ceremonias de enterramentos: enquanto os trabalhadores impiedosamente martelavam desmantelando o cadáver a entoar o "agnus dei quitoles de pecata mundi" e os officiais respondiam em coro: "insandnarens e domine", o celeberrimo "Polícia" com o beico caído, fóra da porta, feito peru, "surrumbaticamente" dava a classica nota: "Amen".

MOXILA.

O Estado e os trabalhadores

E' oportuno transcrever aqui o seguinte periodo do camarada José Prat, na sua obra Sindicalismo e Grève Geral "Quando o Estado parece favorecer em alguma cousa a classe trabalhadora, só o faz aparentemente, para encobrir a verdade, para mascarar a sua impotencia, para tentar fazer ver que o Capitalismo se preocupa com a sorte dos seus escravos. Na realidade, o Estado não quer suprimir essa escravidão, porque isso seria suprimir-se a si proprio. O Estado apenas procura iludir os escravos do Capital, embalando-os em fantasias, para lhes paralizar as suas reivindicações, para lhes anular todas as suas iniciativas".

Um apelo

Do companheiro que com o pseudonimo de "G. Costal" tem firmado nestas colunas excelentes trabalhos de critica social, recebemos agora um artigo que, com bastante pezar nosso, não podemos publicar, dada a natureza do nosso periodico, o qual é publicado, não para manter lamentáveis polemicas pessoais, mas sim para defender os ideais de emancipação economica e moral da classe a que pertence. Esse artigo de G. Costal constituia uma abespinhada resposta a uma inofensiva pilheria aqui publicada por um companheiro, o qual certamente não teve a intenção (que seria injustificável) de atingir, de qualquer modo, a personalidade moral do companheiro.

Dada essa explicação, concitamos a ambos esses companheiros envolvidos neste ligeiro incidente a que dediquemos as suas actividades á cauza primordial da defesa dos nossos interesses economicos, que no momento historico que atravessamos deve ser a primeira preocupação de todo trabalhador conciente e digno.

"A Voz do Operario"

Em Recife, Pernambuco, um nucleo de dedicados camaradas acabam de lançar a publicação de um periodico de propaganda sindicalista. Pelos numeros já publicados e que temos recebido regularmente, pôde-se prever a ecellentee ação doutriniária que desenvolverá naquele Estado do norte "A Voz do Operario".

Agradecendo as bondozas referencias feitas no "Cosmopolita", desejamos-lhe vida prospera.

"A Terra Livre"

Com este titulo acaba de aparecer em Curitiba, capital do Estado do Paraná, um ecellentee organ de propaganda do ideal libertario. O novo organ apresenta-se com um belo aspeto, cheio de ótimos artigos doutrinaros. E' digna de relevo a sua acentuada propaganda anti-militarista, neste instante em que, por meio de uma maneirosa campanha nacionalista, se tenta arrancar o trabalhador do labor fecundo da officina e do campo para vida parazitaria e geradora de vicios da caezerna infame.

Vida longa e creescente de entusiasmo no combate ao preconceito e á mentira, eis o que almejamos ao novel e galhardo colega.

OUVIMOS DIZER...

que os nossos honrados amigos, os proprietarios desses estabelecimentos a que se dá o pitoresco titulo de cazas de pasto, andam bastante alarmados com a mesperada atividade da Hygiene Municipal na fiscalização dos generos alimenticios...

(E olhem que não é para menos!) que os seus colegas das cazas de primeira ordem já se não manifestam do mesmo modo, e pouco se preocupam com a vizita dessa respeitavel matrona...

que esses senhores chegam mesmo a afirmar que as suas cazas são inatinjiveis, bastando para isso acenar com uma tonificante doze de aperitivo...

que os unicos que se tem regozijado com essa salutar campanha contra os envenenadores do povo são os cozinheiros que assim vêm diminuida uma grande porção do pezo que lhes esmagava a conciencia ao fazerem diariamente o pezo...

que o sr. Fontainhas, do Restaurant Sul America, aborrecido com as alfinctadas do Cosmopolita a proposito das suas comicas descobertas culinarias, rezolveu desistir das mesmas e dedicar-se agora exclusivamente a um interessante estudo sobre os efeitos que podem fazer varias dozes do valente White Horse sobre um estomago em jejum...

que o pandego "gerente do salão de refeições" da Rotisserie Rio Branco rezolveu dedicar-se com afincio ao estudo do idioma castelhano, afim de saber de fonte certa o verdadeiro sentido de certas respostas de damas de orquestras e não ter que recorrer a tradutores perversos...

que a malta de caixairos que trabalham no "Pinhal d'Azambuja" (Sorveteria Alvear) deixaram todos a profissão de engraxates para irem empregar-se ali em vista das informações

que lhes deram de que aquilo era uma mina mesmo sem ordenado... que todos eles continuam a ezercer a antiga profissão, nas horas vagas, pondo a luz com pericia de mestre as botas do patrão e do gerente.

que o illustre fidalgo ex "maitre d'hotel" dos Estrangeiros e atual do Palace Club não anda positivamente de sorte depois da lição de mestre que lhe applicou o Centro Cosmopolita por ocasião da-grève de 1915 eziindo a sua demissão do cargo que occupava, o que obteve incontinenti, e para provar a sua pouca sorte citam o escandalo do champagne no Carnaval...

que o Emilio Maricas está merecendo ha muito tempo uma réprise daquelle memoravel gesto. Mas que "esta vergonha do sexo" não perde por esperar... que o Malabregas do Munchen desistiu de processar o Cosmopolita por crime de calunia para não ter de processar tambem a Fiscalização de generos alimenticios...

Crevettes & Poivres.

Publicações recebidas

Recebemos as seguintes:

La Rebellion, quinzenario dedicado á propaganda dos ideais libertarios. Editado em Rozario, Republica Argentina.

La Batalla, periodico de ideias e criticas. Publica-se em Montevideo.

A Sementeira, mensario illustrado, de critica e sociologia, sai á luz em Lisboa, no dia 1 de cada mez.

Tierra y Libertad, semanario anarquista. Barcelona, Espanha.

Germinal, mensario dedicado aos trabalhadores. Publica-se em Lisboa, Portugal.

A voz do operario, periodico sindicalista. Publica-se em Recife, Pernambuco.

O Grafico, organ da Associação Grafica do Rio de Janeiro.

El Progreso Culinario, organ official da Camara Sindical de Cozinheiros e Pasteleiros da Republica Argentina.

A voz do Produtor, periodico anarquista de publicação eventual. O presente numero é todo ele dedicado a memoria do inesquecível propagandista das ideias de emancipação humana, em Portugal, Bartolomeu Constantino. Sai á luz em Viana do Castelo.

Pela cultura intelectual da classe

Bastante regular tem sido o labor desenvolvido nestes ultimos tempos em prol da cultura intelectual da classe no seio do Centro Cosmopolita.

Com a organização do nosso Grupo Editor, como que começou a desenvolver-se no seio da nossa associação de classe um certo prurido de instrução, justos aneios de saber começaram a despertar no cerebro de muitos camaradas que procuram investigar nas obras da moderna ciencia sociologica o porquê do seu torturante mau estar social; á medida que os seus olhos deslumbrados vão deparando nas paginas dos mestres que manuzeiam a eloquentes verdades expostas e sustentadas com clareza, sinceridade e lojeia indestrutivel, tambem vão os camaradas emancipando-se dos mil e um preconceitos e erros sociais que os acorrentavam aos passados.

O Grupo Editor, cumprindo um dos pontos cardiais do seu programa que é difundir o mais intensamente possível a cultura pela classe, já organizou a sua biblioteca, a qual, apesar da sua curta existencia, conta cerca de duzentos volumes dos mais apreciados autores.

Proximamente publicaremos o catalogo dessas obras que se encontram á disposição de qualquer camarada que os queira consultar.

Por sua vez o nosso camarada Secundino Almuña Fernandez, que acaba de ser eleito bibliotecario do Centro, bem compenetrado aos deveres do seu cargo, procura desenvolver a biblioteca do Centro que se encontra, infelizmente, bastante desorganizada devido ao espirito tacanho e retrógrado das varias administrações que tem tido o Centro que, ao passo que não trepidam em esbanjar importantes somas em estandartes de seda e ouro (que simbolizam ironica e irrisoriamente a miséria negra do trabalhador), em comens e bebes de festins nos quais estadeiam a sua vaidade, deixam em lastimavel abandono o departamento mais mecedor de carinhos em uma organização operaria a bibliotheca!

A esse proposito o camarada bibliotecario do Centro remeteu-nos uma carta, que por falta de espaço deixamos de publicar, na qual apela para seus companheiros para que

o auxiliem enviando-lhe donativos destinados a esse elevado fim.

Assim procedendo o camarada Secundino A. Fernandez bastante destoa dos seus pitorescos antecessores, muitos dos quais só colheciam os pobres livros pelas respeitivas lombadas e outros nem ler sabiam!...

CENTRO COSMOPOLITA

A nova Administração

Realizou-se a 14 do mez passado a eleição da nova administração do Centro Cosmopolita em virtude de ter a antiga solitado a sua demissão.

A escolha recaiu nos seguintes companheiros:

Jesus Bouzan Ricon, Presidente; Carlos Martiuez Alvarez, Vice-Presidente; João Martins Domingues, 1º Secretario; Jacinto Fernandes Lago, 2º Secretario; Spropio Gonzalez, 1º Tezoureiro; Aurelio Mouzinho Durán, 2º Tezoureiro, Secundino Almuña Fernandez.

Conselho de Administração: José Gil Diegues, Francisco Vilar, Alfredo Barral Cavadas, José Cabral, Henrique Porto, Antonio Estrada, Manoel Domingues, Emilio Lorea Medina e Manoel Tomaz Pereira.

Comissão de sindicancia: Perfeito Gonzalez, Rafael Connago Fretre, Pedro Oreiro, Manuel Brazil e Dario de Castro Barboza.

Comissão de contas: José Peixoto Braga, Francisco Carvalho Pregal e Antonio Primo Villarino.

Comissão de beneficencia: Sergio Blanco, Francisco Alexandre e Francisco Pino Barcia.

E' de esperar que a administração reemleita saiba bem avaliar e compreender as suas responsabilidades e o verdadeiro papel de uma associação de trabalhadores, tornando-a com o concurso de todos os socios a morgam de eficiente de defeza dos direitos da classe um ambiente de cultura e educação proletarias.

Para isto bastará um pouco de boa vontade e de coragem.

Não basta mandar proceder á cobrança das mensalidades dos socios e dos alugueis das dependencias do edificio social para obter recursos para satisfazer os compromissos materiais do Centro; ha os compromissos de ordem moral para com a classe que nos parecem não devem ser relegados para segundo plano. Enorme é a tarefa que encontramos para desempenhar os novos administradores do Centro, mas esse desempenho será relativamente facil se elles poderem contar com a coadjuvação de todos e de cada um dos socios, e cremos que essa necessaria coadjuvação não lhe será de modo nenhum regateada si a administração actual não procurar por si mesma afastar-a com gestos de descabida vaidade pessoal.

E isto, sabemos positivamente, não está no feito moral dos companheiros que compõem a nova administração, todos eles dedicados a cauza da emancipação proletaria.

Vivendo ás claras

Movimento geral da receita e despesa do Grupo Editor do "O Cosmopolita", até 31 de Janeiro:

Table with financial data including Receipta, Saldo do balancete ultimo, Recebido de 19 assinaturas, Despesa, Confeccção do 4º numero, Recibo, and Saldo.

Fabrica de Cerveja Oriente de José Vasques Ferro Rua Visc. do Rio Branco 80. Includes image of a man on a horse and text: GARIBALDI Pitoresco Parque ao ar livre.

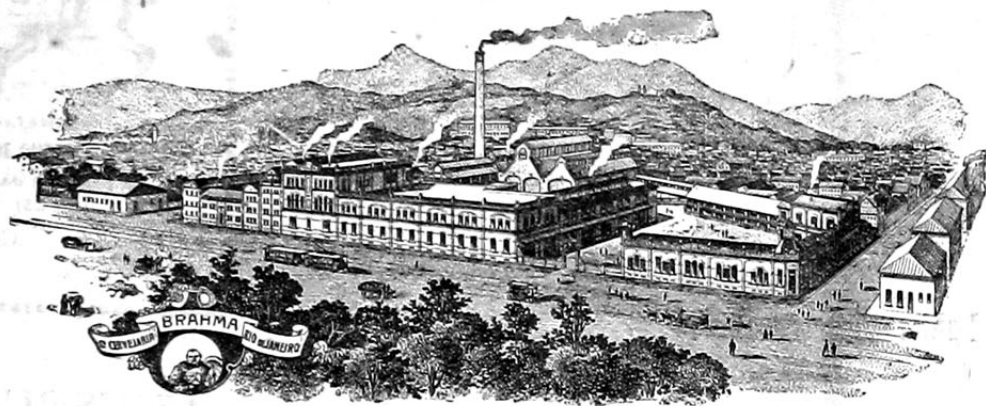
JEWSBURY & BROWN'S Manchester, England. Quinine Tonic Dry Ginger Ale. Sole Agent: C. N. Lefebvre Rio de Janeiro.

DR. JOÃO PEDRO DA COSTA MEDICO OPERADOR. DA UNIÃO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO E DO CENTRO COSMOPOLITA - OCULISTA DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Cirurgia em geral e especialidade das vias urinarias.

Azeite Renascença. Cada lata contém um litro cento. Henrique Santos & Cia. ASSEMBLEÁ N. 20 - Rio de Janeiro. TELEPH. 316 - CENTRAL.

RIO DÃO O VINHO DE MEZA PREFERIDO IMPORTADORES J. FERREIRA & C. GERVEJA PARK BIER - Estomacal e nutritiva PRAÇA TIRADENTES, 27.

CERVEJARIA BRAHMA



Recomenda as
suas afamadas
marcas:

BRAHMA — **BRAHMINA** — **TEUTONIA**

FIDALGA — **MALZBIER** — **BRAHMA PORTER**

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

CENTRO COSMOPOLITA - Séde: RUA DO SENADO, 215 - 217
(Telefone: Central 1499)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants clubs, bars e demais ca zas deste ramo, pessoal competente para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo.

Aluga o seu vasto salão para festivais, concertos, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade.

Atende-se a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia.

“CAZA RIST”

DEPOZITO EXCLUZIVO DE PRODUTOS NACIONAIS

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 - Central

BEBAM

CAXAMBU'

A soberana das aguas de meza.

BEBAM

SALUTARIS

A rainha das
aguas de meza